



As Deidades Galaicas

Não se pode falar de “panteão” no mundo celta tal e como é comumente entendido, isto é, com relações estritas entre Deidades com funções específicas ou equivalências directas com panteões doutras religiões. De facto, diferentes tradições célticas apresentam variantes entre Deidades, ainda que as principais são comuns apesar de terem por vezes nomes ou epítetos diferentes.

A forma de entender as nossas Deidades deve ser fluída e flexível. São Deidades que cobrem uma série de funções intercomplementares, onde há uma hierarquia mas não um confronto ou conflito de opostos (como noutras religiões), mesmo nos casos onde as responsabilidades são partilhadas. Algumas Deidades podem ser, em verdade, triplas, multifacetadas. De haver uma possível contradição esta é sempre só aparente, seguramente derivada da pouca familiaridade com o sistema de pensamento e cosmovisão céltica.

O facto é que a maioria de nós crescemos numa sociedade onde o divino disce é misericordioso, amoroso e que exige às crentes sujeição às suas regras em troca da concessão da sua ajuda e apoio. No entanto, na nossa crença devemos atravessar uma porta que exige sacrifício, demolir paredes velhas para começarmos a entender o que o mundo é e qual é o nosso lugar nele. Embora as Deidades nos “acariciem” com boa intenção, o seu toque derruba esses muros que nos rodeiam e que nos impedem entender, e este pode ser um sentimento estranho e até desconcertante. Compreendermos-lhes e compreenderem-nos leva tempo, mas depois tudo adquire sentido pleno.

Desta maneira, apresentamos aqui uma introdução muito resumida e simplificada aos Deuses e Deusas da nossa tradição galaica, feita a partir de dados objectivos conhecidos através da investigação académica mas, sendo a *Irmandade Druídica Galaica* uma entidade religiosa, feita também em base a interpretações religiosas autónomas.

Lembramos, aliás, a nossa crença na existência individual e específica de cada uma Delas, que não são criações nem hipóstase duma Deidade superior. Assim, as Divindades não estão submetidas a outro Deus/a ou energia consciente superior a Eles/as. Do mesmo jeito, todas Elas são igualmente respeitadas, pelo que são e pelo que representam.

Deidades Primeiras

Presentes pelo que sabemos desde o inefável impulso original não-inteligente, causa primeira e matriz de vida. São as mais antigas e poderosas mas também as aparentemente mais reservadas.

Larouco (Crouga) /

O Grande Deus, o Pai de Todos, o Bom Deus, o protetor da tribo. Senhor do Conhecimento, da ordem social e dos contratos. Patrão das pessoas sábias e docentes. Possui uma força imensa e está associado à abundância e generosidade da terra.

Os seus grandíssimos poderes representam-se pela enorme maçã que porta na sua mão, assim como a sua masculinidade é representada pelo seu grande membro sexual. É guardião também do pote da fartura, de onde surge todo bem e toda Magia. Tudo Nele e com Ele é massivo.

Na tradição galaica está fortemente vinculado à montanha sagrada do mesmo nome na Serra do Gerês, onde toma residência. Contudo, a sua presença noutros picos pode ser sentida e adquire, nesse caso, o nome de Crouga (como o *Crom Cruach* da tradição irlandesa). É dizer, Larouco é o nome que lhe damos quando falamos do Deus como tal - até fisicamente - sendo Crouga o seu espírito, a sua presença imaterial longe da sua montanha existente em toda anta ou lugar elevado de poder.

No pan-celtismo é considerado irmão de Bandua-Cosso e consorte de Anu. Recebe os nomes de *An Dagda* na Irlanda e *Sucellus* na Gália.

Celebramo-lo principalmente na época do Solstício de Inverno-Noite Nai (21-25 de Dezembro).

Anu /

A Grande Nai, A Nobre, A Boa, origem da luz e do dia. É Senhora da Literatura e Senhora e patrona das criaturas invisíveis, dos mouros e das mouras, de todos os seres místicos e de poder. Por vezes é consorte de Larouco, mas só quando Ela escolhe, como indica a sua residência na Pena de Anamão da mesma Serra do Gerês: perto, mas separados, como bons e velhos amigos e vizinhos que partilham conversa, experiências e confiança.

Ambos formam um duo peculiar, mas isto não deve ser nunca confundido com ideias posteriores e alheias à nossa tradição como a separação estrita em dous sexos, a dicotomia masculino-feminino, ou assuntos similares. Anu e Larouco podem ser complementares, mas são livres e autónomos em todo momento, e Anu estabelece o início do princípio de independência e Soberania Feminina do que a sua descendente Brigantia será Senhora.

Noutro exemplo, Larouco pode ser Senhor da Magia, mas Anu é a Senhora dos que usam e põem em prática essa Magia. Uma coisa sem a outra não teria sentido, mas ainda assim são diferentes e cada um manda o que manda, onde Ela decide quem e como.

Recebe os nomes de *Dôn* em Gales (onde apresenta importantes conotações astronómicas) e de *Danu* ou *Dana* na Irlanda, onde é a Deusa Nai de todos os *Tuatha Dé Dannan*.

Celebramo-la principalmente na época do Solstício de Inverno-Noite Nai (21-25 de Dezembro).

Deidades de Poder

Antergas figuras de incomensurável autoridade que tentam pôr ordem e mostram virtudes para quem quiser ver e ouvir. Mestres para quem quiser aprender.

Brigantia /\

A Alta, A Elevada, Senhora da Soberania, A Tríplice Chama, portadora da luz e Deusa do Fogo e da vitória. Toma três aspectos: como Lume da Inspiração (patrona da poesia, artes, filosofia e profecia), como Lume do Lar (patrona da medicina e fertilidade, de pastoras a agricultoras, protectora da casa) e como Lume da Forja (patrona da metalurgia, ferraria e artes marciais, grande guerreira).

É patrona de todos esses aspectos assim como das alturas em geral (sejam montanhas, castros no alto ou pensamentos elevados), dos e das Durvates, gado e animais domésticos, assim como dos poços e fontes sagradas.

Todo poder deve ser regulado por Brigantia. Ela não exerce essa Soberania directamente, mas ordena sobre quem a recebe ou não, quem é digno ou digna de ser chamado "rei" ou "rainha". Ela marca o sagrado pacto entre o ser humano e a Terra. Quem não respeitar isto não poderá ser nunca a melhor líder e as humanas teremos sempre governantes ruins. Seguramente este é um dos motivos pelo que muitos lugares da nossa Terra foram nomeados na sua honra.

Brigantia assegura o trânsito entre Inverno e Primavera e garante a promessa de renascença feita no Solstício de Inverno. Ela será quem acorde os Deuses Bel (o seu ocasional consorte) e Lugus chegado o momento, mesmo quem amamente este último se figer falta.

No pan-celtismo considera-se filha de Larouco e Anu.

Recebe o nome de *Brigid* na Irlanda, *Bride* na Escócia e *Brigindũ* na Gália.

Celebramo-la na época do Solstício de Inverno-Noite Nai (21-25 de Dezembro) mas, principalmente, na sua grande festa do Entroido (*Imbolc*), por volta do 1 de Fevereiro.

Lugus /\

O Luminoso, O Esplendoroso, O Radiante. É o jovem, belo, atlético e extremadamente hábil guerreiro com a sua mágica lança (O Do Longo Braço) e outras fantásticas armas. Apresenta uma triplicidade associado ao Sol, ao Céu e às Treboadas, onde comanda tronos e lôstregos.

É patrão, como Brigantia, das artes e do artesanato, mas também dos desportos, da actividade física, das criadoras e inventoras, de todos aqueles e aquelas que podem fazer surgir algo que antes não existia, da lei, da verdade e dos juramentos, dos que colocam ordem no caos e defendem os pactos e promessas feitas.

Lugus emana uma sensação de poder e eloquente sabedoria, de reconfortante e cálida calma. Ele preside e guarda o grande *Oinakos* (assembleia ou juntança) do verão, desfrutando à vez das competições desportivas e favorecendo o convívio e os casamentos. Em verdade, gosta de qualquer *Oinakos* feito com honestidade.

Recebe o nome de *Lugh* na Irlanda, *Lley Llaw Gyffes* em Gales e também *Lugus* na Gália. Celebramo-lo principalmente na sua grande festa da Seitura (*Lughnasadh*), por volta do 1 de Agosto.

Bandua - Gosso /

O Que Ata, O Que Une, pois com os seus laços mágicos o Deus Bandua sela as promessas e une os clãs e as pessoas. Através desses laços formalizam-se os pactos mas estabelece-se também a intercomunicação, o relacionamento, sendo tudo isto fundamental para a prosperidade de qualquer grupo. Ele faz a chamada perante uma causa comum, convocando a todos e todas sob a sua bandeira.

Bandua é patrão da eloquência e domina a magia, fazendo cumprir o dito bem apelando aos princípios fundamentais da ética céltica (Honra, Responsabilidade e Compromisso) com a sua convincente palavra, ou bem forçando com a sua atadura. Ou ambas cousas.

Mas cuidado, pois quando falemos de conflito toma o nome de Cosso, o Deus a quem têm como patrão os guerreiros e guerreiras. Então, Ele percorre sem parar os caminhos, vigilante na noite, preparado para a caça de cabeças se for preciso... Em qualquer caso, é o mais formidável e temido guerreiro e na batalha imobilizará os seus inimigos com a sua amarra invisível.

Bandua-Cosso é uma Deidade dual, tanto que por vezes pode apresentar-se como homem e outras como mulher.

No pan-celtismo é considerado irmão de Larouco. Recebe o nome de *Ogma* na Irlanda e *Ogmios* na Gália.

Bandua não tem uma data fixa para a sua celebração.

Bel /

O Brilhante, o Refulgente, O Formoso, O Belo. O Deus da Luz e patrão da música é um dos Deuses mais antigos. Como Lugus, Bel também comanda o Sol e mais as estrelas, e ainda com maior intensidade. Nomeadamente comanda os ciclos dos dias, das luas e dos anos, fazendo girar a Roda do Ano e com ela fazendo avançar o tempo humano (a roda e o carro – no que atravessa o Céu – são alguns dos seus símbolos).

Às vezes pode aparecer acompanhado por Brigantia, a sua consorte ocasional, com quem partilha entre outras cousas o seu aprecio por fontes e poços sagrados, águas sanadoras e medicina em geral, assim como pelo lume purificador (Os Lumes de Bel).

Ele protege a Natureza e a Terra, garante o seu esplendor e fertilidade cíclica continuando o trabalho de Brigantia. O Deus Bel favorece a sexualidade e as uniões, a fartura e alegria das festas e celebrações. O seu trabalho é esforçado e a sua responsabilidade é muita, mas também é-o a alegria dos seus frutos, combinando e equilibrando esse par de dever-lecer.

Recebe o nome de *Belenus* na Gália, *Beil* na Irlanda, *Bile* na Escócia e *Balor* em Gales.

Celebramo-lo principalmente na sua grande festa dos Maios (*Beltaine*), por volta do 1 de Maio.

Berobreo /|\

O Da Alta Casa, O Hospedeiro, O Que Alimenta, Senhor do Mar, do Além e da Morte. Patrão da hospitalidade, Berobreo vai-te acolher, e vai-te acolher bem, de braços abertos e com amplo sorriso. Se tiveste Honra, nada temas.

Desde o alto do Facho de Donom, o seu grande santuário, ou desde qualquer península, praia, atalaia ou cabo significativo como A Lançada ou Teixido, pode olhar as ilhas da nossa costa, escala prévia das almas que depois da sua peregrinação cara o solpor não descansar um pouco. Em breve, porém, começam da sua mão a viagem à outra vida, pois Ele tem as chaves dos labirintos gravados em pedra que abrem as portas comunicantes dos mundos - em ambas direcções - e levam também até a sua residência no fundo do mar.

O Deus Berobreo conhece esses e outros caminhos pouco transitados, mas que isto não confunda ou arrepie a ninguém pois Ele é um anfitrião excepcional, de exuberante generosidade. Por certo, o mesmo demandará de uma boa ou bom celta, pois poucas cousas mais desonrosas há que ser ruim com as tuas hóspedes e visitantes, ou ser uma convidada desagradecida.

Recebe o nome de *Donn* na Irlanda ("O Escuro", devanceiro directo do povo gaélico da Ilha).

Celebramo-lo principalmente na sua grande festa do Magusto (*Samhain*), por volta do 31 de Outubro e 1 de Novembro.

Nábia /|\

A Excelsa, A Coroada. A Senhora das Águas, dos lagos, lagoas, cachoeiras, rios e regatos, fontes e poços, também dos vales e partes baixas dos montes.

A melancólica Deusa Nábia é navegante e marinheira, e com a sua barca acompanha as almas que se dirigem à Alta Casa de Berobreo usando os cursos fluviais, desde o interior até a costa e, se ele o solicitar, até mais alá.

A água é vida, porém recolhe os seres mortos num ciclo contínuo. A água flui desde a coruta dos montes até o fundo do oceano, e daí ao Céu à chuva e volta a começar, e com ela tudo. Nábia está presente em todo esse processo ajudando à fertilidade quando é preciso.

Mas a Deusa Nábia também recolhe nessas águas que tecem redes na terra os símbolos do pacto de Brigantia: as águas calmas aceitam oferendas humanas e testemunham os encontros e acordos com as Deidades. Nábia atende aí e, em parceria com Berobreo, fai de hospedeira e protectora do local.

O seu nome está em toda parte, seja como *Návia, Návea, Ávia, Coventina, Avon, Devon, Deva*, etc. De todas as Deidades, Nábia pode que seja a mais familiar e simpática com certos seres especiais associados à água, e disque gosta da cerveja e das flores.

Nábia não tem uma data fixa para a sua celebração.

Reve /\

O Do Páramo, O Máximo, O Das Chairas, lugar de encontro entre o alto e o baixo, limiar de mundos, onde comanda. É Senhor da Hierarquia e da Justiça, que nas suas mãos é sempre brutalmente imparcial e objectiva. Ele administra toda fortuna e riqueza de forma equânime.

A primeira vista, Reve parece a Deidade mais esquiva, fria e distante, seica mais centrada nos assuntos internos dos Deuses e Deusas que nos humanos e mundanos.

Contudo, Ele é um ponto de encontro, pois reúne características de Berobreo e Cosso, já que comanda também sobre o Além e a guerra, e ainda de Larouco, de quem está tão próximo que ocasionalmente podem ser confundidos. Recebe de Brigantia a capacidade de gerir a Soberania quando Ela não está presente, como é no caso de juízos e decisões importantes que requerem uma resolução final e inapelável.

No caso de batalha, o Deus Reve pode que supervisione o ir e vir da gente comum, decidindo implacável quem é digno de ser chamado de Herói ou Heroína e quem não.

Na antiguidade era uma das Deidades que recebia maiores honras e oferendas, especialmente na Callaecia interior, se calhar pelo temor que alguma gente sentia do seu olhar desapaixonado, embora sincero e calmo.

Recebe o nome de *Morrígan* na Irlanda e ainda os nomes alternativos de *Reva* e *Reua* na Galiza.

Reve não tem uma data fixa para a sua celebração.

Cale /\

A Velada, A Moura, A Meiga, A Velha. A Senhora da Callaecia e encarnação mesma da granítica Terra que pisamos. Sábia Senhora da Pedra e patrona dos canteiros, plantas e árvores, animais selvagens e seres invisíveis. Amiga de Anu.

Ela tem poder sobre o clima e sobre os bosques, montes e bestas do nosso País. Ela fala com os nossos Devanceiros e Devanceiras e manda recado se figer falta. Cale é velha como o planeta, e antes de Deusa já foi moura e a mais grande das meigas e mencinheiras; talvez por isso seja a Deidade que mais conhece e melhor se relaciona com todos os seres miúdos longe dos nossos sentidos.

Apresenta-se normalmente como uma mulher de avançada idade vestida com saio e pano na cabeça (O Velo), mas isto é porque geralmente só é vista no fim do ano celta, quando já passou os estádios de juventude e madurez longe das vistas. Precisamente, é nessa época depois da Noite de Magusto quando a Deusa Cale trabalha a Terra a eito com o seu sacho até passado o Solstício. Com tanta trabalhadeira haverá quem pense que está a destroçar, mas realmente remexe o necessário para sementarmos quando chegue a nossa vez. É aí quando, como autêntica protectora, estende o seu saio aconchegante.

Cale colabora com Brigantia em muitos assuntos, e disque a segunda vigia de esguelho a metade luminosa do ano (*Giamos*) enquanto a primeira fai o mesmo com a metade escura (*Samos*).

Recebe o nome de *Cailleach* na Irlanda, Escócia e Ilha de Man.

Celebramo-la principalmente na grande festa do Magusto (*Samhain*), por volta do 31 de Outubro e 1 de Novembro, e é lembrada no Dia da Terra, o 25 de Julho, festa civil dedicada à Nação Galega.

Deidades do Comum

As Deusas e Deuses talvez mais próximos a nós, no dia a dia, na consecução de alguns grandes planos mas também dos pequenos e diários. Podem até ser um elo de comunicação com outras Deidades.

**Íccona / **

A Da Terra, A Da Égua Branca, A Grande Égua. Senhora dos Cavalos e todos os equídeos. Senhora e protectora dos Caminhos, Viagens e Comunicações. Patrona de todos aqueles e aquelas que falam, partilham, informam, divulgam e comunicam com honestidade, assim como de todas aquelas pessoas que viajam, peregrinam ou transportam algo.

Onde não chega Nábia por água, chega Íccona por terra para guiar as almas, a cavalo, até o passo mais próximo. Ela recolhe também parte do simbolismo da Soberania de Brigantia e exemplifica a responsabilidade de lográ-la, pois a Soberania requer trabalho e sacrifício, montar durante muitas jornadas, até poder ser digno ou digna dela. A Deusa Íccona sempre está em marcha, sempre atenta e pronta para relatar, sempre cavalgando.

Íccona muitas vezes encontra-se com Bandua-Cosso, tanto nos vieiros que transitam como na palavra dada nos pactos e uniões, e conversam.

A *Irmandade Druídica Galaica* está consagrada desde o seu nascimento à Deusa Íccona Loimina, quem aguardamos tenha a bem considerarmo-la como a nossa patrona.

Recebe o nome de *Epona* na Gália, *Étaín* ou *Édaín* na Irlanda e *Rhiannon* em Gales.

Íccona não tem uma data fixa para a sua celebração, ainda que é sempre lembrada no 11 de Novembro, dia do aniversário da nossa *Irmandade*.

**Trebaruna / **

A Da Casa, A Da Tribo, A Do Secreto. Senhora do Fogar, do mais íntimo. Protectora do privado, das famílias e crianças, das amizades verdadeiras, do património pessoal e colectivo, do lar, dos pensamentos próprios.

Ela move-se bem nas sombras e nos recantos das casas e cidades, prudente e sagaz, como uma presença reconfortante e calma quando as nossas justas aspirações e trabalho esforçado topam com problemas inesperados. A Deusa Trebaruna pode que seja a Deidade mais próxima aos humanos e humanas, ou quando menos quem mais gosta de estar nas nossas casas e assistir à nossa vida cotiá.

Contudo, que ninguém se leve a engano, pois ainda que geralmente agarimosa, Trebaruna pode ser guerreira dura e implacável com quem atenta contra a tribo ou clã, com quem revela

segredos sem justificação e atraiçoa confianças, com quem ataca ou desonra a amizade, o fogar ou a família querida.

A Deusa Trebaruna reconhece o valor da discrição sem por isso cair na desonestidade ou mentira, algo impensável para uma celta. Aliás, precisamente por isso despreza quem os rompe ou quebra uma promessa, igual que Bandua.

Trebaruna não tem uma data fixa para a sua celebração.

Endovélico /|\

O Protector, O Muito Bom. Senhor da Medicina, Investigação, Segurança e Adivinhação, protector local de cidades, vilas e aldeias com um santuário seu presente. Patrão, como Brigantia, de médicos e sanadoras, de investigadoras e cientistas, além de pessoas que com justiça e honestidade fomentem a paz e se dediquem a salvar, cuidar ou atender outros seres.

O Grande Sábio Endovélico gosta de ficar na casa aguardando as pessoas que requiram do seu conhecimento. Aí, igual que faria Bel, o Deus Endovélico utiliza luz e calor e toda classe de remédios para sanar, para acalmar, para assegurar humanos e animais, dos que gosta imenso.

Se for preciso, Ele acudirá ao mais alto ou ao mais baixo para continuar estudando, procurando fórmulas, encontrando soluções; é luminoso, mas o seu lar pode estar no mais profundo, agochado entre as rochas, onde pode trabalhar tranquilo e aprender o que fica no escuro e não toda a gente vê.

Uma vez é visitado, Endovélico pode escolher falar através de sonhos e intuições, indicando o que deve ser feito ou aconselhando que caminho deve seguir-se.

Endovélico não tem uma data fixa para a sua celebração.

Bormánico /|\

O Que Ferve, O Borbulhador. Senhor das termas, balneários e águas curativas, assim como dos fermentos, os minerais e o subsolo. Protector e patrão de covas e passadiços, e de quem anda neles.

O Deus Bormánico partilha com Nábia comando sobre algumas águas, nomeadamente as águas quentes e aquelas que brotam com características especiais, aquelas não navegáveis ou não aptas para o trânsito de seres, mais bem com um outro uso específico como a sanação e relaxação. Partilha também, porém, capacidades sanadoras com Endovélico, com quem frequentemente departe nas suas explorações das profundezas da Terra e das pedras, minerais e metais.

Disque as suas capacidades transmutadoras favoreceram a aparição de diversas bebidas, comidas e remédios, fermentados a base de líquido e calor.

Recebe o nome de *Bormanus*, *Moguns* ou *Mogunus* na Gália, *Grannus* em diversos territórios célticos, e na Galiza e Lusitânia também é chamado *Borvo* ou *Bormo*.

Bormánico não tem uma data fixa para a sua celebração.

Rota final: Existem ainda um feixe de forças sutis, criaturas lendárias e seres chamados “sobrenaturais” (apesar de tal coisa não ser possível na nossa religião, onde tudo é parte do mesmo Cosmos e portanto é sempre natural, só que ainda não o conhecemos ou não o conhecemos bem), mas embora tenham um certo poder, influência e autonomia não entram na categoria de Deidades nem comandam nada se são assim expressamente proibidos por Estas.

Honra à Terra e à Natureza.
Honra a Quem Nos Quer Mostrar e Aprender.
Honra a Quem Estivo e Ainda Há de Vir.
E Nós, No Meio, Caminhando.



A Irmandade Druídica Galaica - IDG
é uma entidade religiosa sem fins lucrativos registada como tal
com o Ministério de Justiça (espanhol) - no. 022549.
www.durvate.org
idg@durvate.org

